

**A História Global como forma de pluralização da História ensinada
na Educação Básica no Brasil**

***Global History as a means of diversifying taught History in Basic
Education in Brazil***

***La Historia Global como medio de diversificar la enseñanza de la
Historia en la Educación Básica en Brasil***

Daniel Rodrigues de Lima

Mestre em História (UFAM), Universidade Federal do Amazonas,
drdelima@hotmail.com

Cristiane Carvalho Gomes

Licenciada em História (UFAM) e Pedagogia (UNIBF),
Universidade Federal do Amazonas, cristianecarvalhogomes@gmail.com

RESUMO

A ideia é promover uma discussão de como a História Global pode ser utilizada como perspectiva e metodologia para História Ensinada. Dessa forma, busca-se ir além das orientações da BNCC, que traz uma visão eurocêntrica e nacionalista da História. Neste sentido, faremos uma pesquisa bibliográfica e faremos uma breve discussão sobre a BNCC. Acredita-se que a História Global pode ampliar e dinamizar a discussões da História ensinada na Educação Básica.

Palavras-chave: História Global. História Ensinada. BNCC.

ABSTRACT

The idea is to promote a discussion on how Global History can be used as a perspective and methodology for Teaching History. In doing so, the aim is to go beyond the guidelines of the BNCC, which presents a Eurocentric and nationalist view of History. In this sense, we will conduct a literature review and engage in a brief discussion about the BNCC. It is believed that Global History can broaden and invigorate discussions within History education in Basic Education.

Key-words: Global History. Teaching History. BNCC.

RESUMEN

La idea es fomentar una discusión sobre cómo la Historia Global puede ser utilizada como perspectiva y metodología para la enseñanza de la Historia. De esta manera, se busca ir más allá de las orientaciones de la BNCC, que presenta una visión eurocéntrica y nacionalista de la Historia. En este sentido, llevaremos a cabo una investigación bibliográfica y mantendremos una breve discusión sobre la BNCC. Se cree que la Historia Global puede ampliar y dinamizar las discusiones dentro de la enseñanza de la Historia en la Educación Básica.

Palabras-Clave: Historia Global. Enseñanza de la Historia. BNCC.

INTRODUÇÃO

Em meio à complexidade das manifestações culturais e sociais que permeiam nossa realidade contemporânea, é imperativo que o ensino de História adote uma abordagem inclusiva e plural, proporcionando espaço e voz a uma diversidade de protagonistas sociais. Nesse cenário, torna-se premente superar o viés eurocêntrico e nacionalista que muitas vezes permeia a disciplina, alargando as fronteiras do conhecimento histórico para contemplar as riquezas das diversas localidades ao redor do globo.

A construção de uma narrativa histórica mais abrangente não apenas enriquece a compreensão dos alunos sobre o passado, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Ao destacar as contribuições de diferentes grupos étnicos, culturais e sociais, o ensino de História se transforma em uma ferramenta poderosa para promover a equidade e a valorização da diversidade.

Portanto, é necessário repensar os currículos e métodos pedagógicos, garantindo que as aulas de História transcendam fronteiras geográficas e culturais, apresentando uma visão mais holística e globalizada. A inclusão de perspectivas não ocidentais e a ampliação do repertório histórico para abranger diferentes civilizações proporcionam aos estudantes uma visão mais completa e precisa do desenvolvimento humano ao longo do tempo.

A opção por abordar essa temática decorre da minha atuação como professor na rede básica de ensino, mais especificamente no

Ensino Fundamental II. A experiência no ambiente escolar evidencia uma predominância notável de uma perspectiva eurocêntrica e, por vezes, nacionalista e "patriótica" nos conteúdos e materiais disponíveis para a disciplina de História. Essa constatação levanta a necessidade de repensar e enriquecer a abordagem pedagógica, a fim de proporcionar aos alunos uma visão mais abrangente e diversificada do panorama histórico global.

O propósito primordial destas páginas é investigar como a História Global pode se revelar como uma ferramenta fundamental para diversificar o panorama histórico apresentado no ensino. Os objetivos específicos delineados incluem a definição do conceito de História Global, a análise dos preceitos estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de História, e a avaliação das possíveis convergências ou divergências entre essa perspectiva global e a abordagem tradicional do ensino histórico.

A metodologia adotada para alcançar esses objetivos consistirá em uma revisão bibliográfica aprofundada e na análise crítica do documento orientador da BNCC para o ensino de História. Dessa forma, almejamos proporcionar uma compreensão mais abrangente e embasada sobre a viabilidade e relevância da História Global como uma abordagem pedagógica enriquecedora.

A estrutura do artigo seguirá uma organização coerente, abordando inicialmente o conceito de História Global e seus elementos fundamentais. Em seguida, exploraremos a relação entre o ensino de História e os princípios estabelecidos pela BNCC. Finalmente, delinearemos as conexões entre a História Global e a

História ensinada, destacando as potenciais contribuições dessa abordagem para a construção de uma compreensão mais ampla e inclusiva do passado.

O QUE É HISTÓRIA GLOBAL? ALGUNS CONCEITOS

A abordagem metodológica que aqui denominamos de História Global não é uma novidade recente, como se pode perceber ao considerar seus estudos, que remontam às décadas de 1960 e 1970, marcadas pelas descolonizações. Essa perspectiva evoluiu ao longo das transformações mundiais na transição entre as décadas de 1980 e 1990, influenciada por eventos como a desestruturação na URSS, a reunificação da Alemanha, o advento do Neoliberalismo e a ascensão da Globalização.

Esses marcos históricos instigaram os historiadores a ampliarem suas visões para além do âmbito local e nacional, motivando-os a buscar pesquisas que estabelecessem conexões, comparações, conceituações e contextualizações mais abrangentes de seus objetos de estudo. A História Global, portanto, emerge como uma resposta reflexiva a esses acontecimentos, representando um esforço coletivo para compreender e interpretar a complexidade das interações e influências globais que moldaram e continuam moldando nosso mundo contemporâneo. (SANTOS JÚNIOR; SOCHACZESWSKI, 2017)

Nesse contexto, a abordagem da História Global busca, por meio de estudos e pesquisas que abrangem objetos mais amplos, tanto em termos de duração temporal quanto de escopo de análise,

compreender as intrincadas interconexões entre o local e o global. O objetivo é proporcionar respostas mais significativas e abrangentes sobre os diversos contextos presentes nas relações sociais, culturais, cotidianas, econômicas, entre outros.

Ao ampliar o foco para além das fronteiras geográficas e temporais tradicionais, a História Global permite uma análise mais profunda e contextualizada, enriquecendo nossa compreensão dos eventos históricos. Essa abordagem não apenas destaca a interdependência entre diferentes partes do mundo, mas também contribui para uma visão mais holística e integrada da história, reconhecendo as complexas teias de influências que moldam as sociedades ao longo do tempo.

A História Global surge como uma abordagem que impulsiona uma medida significativa nas diversas formas de construção do conhecimento histórico. Essa maneira particular de escrever a História impõe desafios ao historiador, incentivando-o a se lançar nesse empreendimento com dedicação e esforço. A prática da História Global exige um amplo espectro de erudição, demandando que o historiador invista em seu capital intelectual. Isso muitas vezes implica em dominar não apenas sua língua materna, mas também compreender outras línguas relevantes para a pesquisa em questão.

Além disso, a abordagem da História Global requer acesso a fontes e literaturas relacionadas aos locais que serão investigados. Essa busca por uma compreensão mais abrangente e interconectada do passado exige um mergulho profundo em recursos variados, ampliando as perspectivas e enriquecendo a narrativa histórica.

Assim, ao optar pela História Global, o historiador se lança em um desafio que vai além da superficialidade, exigindo uma imersão profunda e multifacetada no seu objeto de estudo. Esse comprometimento não apenas eleva a qualidade da pesquisa histórica, mas também contribui para uma visão mais completa e enriquecedora do desenvolvimento da sociedade ao longo do tempo.

Conforme destacado por Sebastian Conrad (2016) em sua obra "O que é História Global?", a História Global representa a possibilidade de integrar tanto a longa quanto a curta duração temporal, além de abranger espaços amplos e restritos. Essa abordagem propicia uma efetiva ruptura com o eurocentrismo e o nacionalismo metodológico, promovendo uma visão mais inclusiva e abrangente do desenvolvimento histórico. Ao incorporar diferentes escalas temporais e espaciais, a História Global oferece um panorama mais completo e complexo, permitindo a compreensão das interconexões entre eventos, culturas e sociedades ao redor do mundo. Essa perspectiva, conforme argumentada por Conrad, não apenas enriquece a narrativa histórica, mas também contribui significativamente para superar limitações metodológicas que porventura estejam presentes em abordagens mais tradicionais.

No que concerne à construção da escrita de uma História Global, essa abordagem visa ir além de um enraizado nacionalismo. Seu propósito é enfrentar os desafios sociais por meio de uma construção narrativa mais inclusiva e plural (CONRAD, 2019, p. 12) superando as limitações impostas por perspectivas estritamente nacionalistas. Nesse contexto, ela representa um rompimento

significativo com a produção historiográfica vinculada ao caráter nacionalista da História. Sebastian Conrad (2019, p. 14), em seu livro "O que é História Global?", destaca como essa busca por uma narrativa mais aberta e abrangente não apenas enriquece o conhecimento histórico, mas também proporciona ferramentas para lidar de maneira mais eficaz com os desafios sociais contemporâneos, fomentando uma compreensão mais profunda e interconectada do passado.

Desta forma, Sebastian Conrad, assim nos informa de como surgiu a ideia de História Global, assim sendo, temos o autor nos trazendo a seguinte ideia sobre essa forma de se produzir o conhecimento histórico:

A história global nasceu da convicção que os instrumentos analíticos utilizados pelos historiadores para estudar o passado já não eram suficientemente adequados. A globalização lançou um desafio fundamental às ciências sociais e às narrativas dominantes sobre a mudança social. O momento atual, que emergiu de sistemas de interação e troca, é caracterizado por redes e entrelaçamentos. No entanto, em muitos aspectos, as atuais ciências sociais não são capazes de colocar as perguntas certas e de gerar respostas que expliquem a realidade das redes e do mundo globalizado.(CONRAD, 2019, p. 13)

A emergência da História Global reflete a convicção de que os instrumentos analíticos tradicionalmente empregados pelos historiadores para estudar o passado tornaram-se insuficientes diante dos desafios impostos pela globalização. Este fenômeno, ao alterar fundamentalmente as dinâmicas sociais e desafiar as narrativas

convencionais sobre mudança social, demandou uma abordagem mais abrangente e interconectada. O atual momento, caracterizado por complexas redes e entrelaçamentos globais, desafia as ciências sociais a formularem perguntas pertinentes e a gerarem respostas capazes de explicar a realidade dessa interconexão global.

A globalização, ao intensificar sistemas de interação e troca, revelou a necessidade de uma compreensão mais holística e transnacional do passado. No entanto, as atuais ciências sociais muitas vezes enfrentam dificuldades em abordar adequadamente essas transformações. A História Global, ao propor uma análise que transcende fronteiras nacionais e temporais convencionais, busca preencher essa lacuna, permitindo uma compreensão mais profunda das redes e dinâmicas que caracterizam o mundo globalizado contemporâneo. Assim, essa abordagem não apenas enriquece a compreensão do passado, mas também oferece um arcabouço conceitual mais robusto para interpretar e explicar a complexidade das interações globais na atualidade.

Na perspectiva de Conrad, a História Global busca não apenas analisar, mas compreender profundamente as interconexões globais que permeiam coisas, sujeitos, ideologias e instituições. Essa abordagem propõe uma análise histórica que transcende fronteiras geográficas e temporais, buscando integrar os processos, fenômenos e eventos históricos em uma totalidade global. Em vez de fragmentar o entendimento do passado, a História Global destaca a importância de examinar os entrelaçamentos complexos que moldaram e continuam moldando o curso da história em escala mundial. Dessa

maneira, ela não apenas amplia o escopo da investigação histórica, mas também proporciona uma visão mais abrangente e interconectada do desenvolvimento humano ao longo do tempo. (Conrad, 2019, p. 16)

No Livro “Coração do Mundo”, Peter Frankopan (2019), conta que desde adolescente sentia uma inquietação de estudar história e geografia apenas a partir de uma ideia eurocêntrica, sendo valorizados apenas os feitos dos europeus e ignorando, o passado e a experiência humana de outros povos e civilizações. Neste sentido, faz a seguinte crítica, sobre a história de perspectiva eurocentrista: “[...] Mas também decorre do fato de que a narrativa do passado, tornou-se tão dominante e bem estabelecida que não há lugar para uma região há muito tempo vista como periférica em relação à história da ascensão da Europa e da sociedade ocidental.” (FRANKOPAN, 2019, p. 17)

A citação destaca a razão pela qual a História Global se torna uma abordagem necessária. A narrativa histórica tradicional tem sido dominada pela perspectiva eurocêntrica, centrada na ascensão da Europa e na evolução da sociedade ocidental. Essa visão consolidada ao longo do tempo marginaliza regiões historicamente consideradas periféricas nesse contexto.

A História Global surge como uma resposta crítica a essa narrativa predominante, buscando romper com a centralidade eurocêntrica e proporcionar uma compreensão mais equitativa e inclusiva do passado. Ao considerar as interconexões globais entre diferentes regiões, a História Global desafia a ideia de que a história

de algumas áreas é inerentemente menos relevante ou significativa do que a história europeia. Ela destaca a importância de explorar e entender as contribuições e experiências de diversas culturas e sociedades, que foram muitas vezes negligenciadas ou subalternizadas nas narrativas históricas tradicionais.

Portanto, a citação enfatiza a necessidade de uma abordagem que vá além da visão eurocêntrica, reconhecendo e valorizando as histórias das regiões que foram historicamente relegadas a uma posição periférica na narrativa histórica global. A História Global busca preencher essa lacuna, promovendo uma compreensão mais completa e justa do desenvolvimento histórico global.

Frankopan, faz uma dura crítica a essa história eurocentrista vista como inevitável e natural, que coloca o Ocidente como parâmetro de análise e exemplo a ser seguido, onde o autor em sua construção de uma História Global, salienta o seguinte:

Minha esperança é que eu possa encorajar outras pessoas a estudar os povos e lugares que têm sido ignorados durante gerações, ao colocar novas questões e abrir novas áreas de pesquisa. Espero estimular que novas questões sejam levantadas a respeito do passado e que os truísmos sejam desafiados e investigados detidamente. Acima de tudo, espero inspirar aqueles que lerem este livro a olhar a história de uma nova maneira. (FRANKOPAN, 2019, p.17)

Essa citação reflete a aspiração de estimular uma transformação na abordagem histórica, buscando uma maior inclusão e diversidade nos estudos. A expressão "encorajar outras pessoas a

estudar os povos e lugares que têm sido ignorados durante gerações" aponta para a importância de deslocar o foco histórico para além das narrativas tradicionalmente dominantes, abrindo espaço para o entendimento de culturas e comunidades frequentemente negligenciadas.

Ao mencionar o propósito de "colocar novas questões e abrir novas áreas de pesquisa", o autor destaca a necessidade de questionar paradigmas estabelecidos e explorar perspectivas até então subestimadas. Isso implica desafiar truísmos e investigar detalhadamente aspectos da história que foram, por muito tempo, considerados como dados ou inquestionáveis.

A esperança de "estimular que novas questões sejam levantadas a respeito do passado" sugere um convite à reflexão constante e à renovação do interesse por diferentes aspectos históricos. A intenção de "inspirar aqueles que lerem este livro a olhar a história de uma nova maneira" destaca a importância de adotar perspectivas mais amplas e inclusivas, incentivando uma revisão crítica das narrativas históricas convencionais.

Entende-se, que a forma que Frankopan quer que enxerguemos e compreendemos a História, deve ser de uma maneira ampla, não se restringindo a um continente ou lugar, mas, ampliando a nossa escala de análise de forma estrutural e contextual e, dessa forma, termos um conhecimento mais amplo sobre as relações, interconexões, intercâmbios que se estabelecem ao longo do processo histórico.

Essas ideias de interconexões, intercâmbios, inclusão e pluralidade que a História Global busca em seus estudos nos fazem perceber que essa pode ser utilizada como perspectiva e metodologia para História ensinada no Ensino Básico, pois permite discussões e compreensões para além do eurocentrismo e do nacionalismo, em que nos remete a uma história mais humana e sem dúvida alguma mais inteligível, pois permite que possamos entender as influências que outras áreas do mundo tem em nossa ação cotidiana de viver e evidencia o multiculturalismo e as dinâmicas sociais existentes de maneira ampla e diferenciada.

O ENSINO DE HISTÓRIA E A BNCC.

O Ensino de História tem como propósito essencial proporcionar aos educandos uma compreensão profunda da experiência da vivência humana ao longo do tempo. A investigação histórica não é apenas um mergulho nos eventos do passado, mas uma oportunidade de inserir os sujeitos como ativos participantes e produtos das ações cotidianas dos indivíduos que viveram antes de nós, assim como dos que compartilham o presente conosco.

Dessa maneira, almeja-se que os estudantes se enxerguem não apenas como espectadores, mas como verdadeiros agentes históricos, cujas ações e escolhas contribuem para a construção do presente e do futuro. Esse processo, ao estimular a reflexão sobre o papel desempenhado pelos sujeitos ao longo do tempo, culmina na formação da denominada consciência histórica. Essa consciência não apenas revela a interconexão entre passado e presente, mas também

empodera os indivíduos, permitindo-lhes compreender sua própria contribuição para a construção da história coletiva. (BEZERRA, 2010, p. 45-46)

O processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) teve início em 2015, porém, inicialmente, a disciplina de História foi excluída das discussões, gerando ampla crítica. Diante das reações, um documento contemplando a inserção da disciplina História foi desenvolvido em outubro do mesmo ano. Posteriormente, em 2016, o documento foi publicado com algumas modificações resultantes de discussões públicas. Contudo, mesmo após essas alterações, a BNCC continuou a suscitar críticas significativas por parte da comunidade acadêmica. A controvérsia em torno do processo evidencia a complexidade e a sensibilidade associadas à definição de diretrizes curriculares nacionais, ressaltando a importância do diálogo contínuo entre os diversos atores envolvidos na construção da educação no país. Sobre isso tem-se:

O processo de construção das Bases Nacionais vem sendo marcado pelo autoritarismo em todas suas fases, desde a indicação dos especialistas que redigiram a proposta sem qualquer explicitação dos critérios adotados para sua escolha até a forma de gestão da chamada “consulta pública”. O pressuposto geral é que a prerrogativa de definir os conteúdos cabe ao MEC, e não às distintas áreas de conhecimento. O corpo de “especialistas” indicado pelo MEC muitas vezes está longe de expressar a heterogeneidade da área, como é claramente o caso de História. A consulta pública é feita através de questionário fechado, nos moldes de pesquisa de “satisfação do cliente”, onde para cada conteúdo cabe apenas responder

“concordo fortemente”, “concordo”, “sem opinião”, “discordo” e “discordo fortemente”. Tal formato impede a discussão, problematização ou crítica dos pressupostos gerais da área e seus eixos constitutivos (a única possibilidade aberta é a proposição de “novos objetivos”). (CALLIL, 2015, p.3)

A citação ressalta questões pertinentes e críticas ao processo de construção das Bases Nacionais, apontando para uma percepção de autoritarismo em diversas etapas desse processo. A indicação de especialistas sem a explicitação dos critérios para sua escolha destaca a falta de transparência e a possibilidade de viés na seleção desses profissionais. A ausência de representatividade e heterogeneidade no corpo de especialistas, especialmente no contexto da disciplina de História, levanta preocupações sobre a imparcialidade e a diversidade de perspectivas na elaboração da BNCC.

A crítica à prerrogativa de definir os conteúdos exclusivamente pelo Ministério da Educação (MEC) e não pelas distintas áreas de conhecimento aponta para a necessidade de uma abordagem mais colaborativa e participativa, que envolva efetivamente os profissionais das diversas disciplinas no processo decisório. Isso é crucial para garantir uma representação equitativa e uma abordagem mais abrangente nos currículos.

A análise da chamada "consulta pública" como um questionário fechado, sem espaço para discussão, problematização ou crítica, destaca uma limitação significativa na participação democrática. O formato restrito sugere a necessidade de abrir canais mais abertos e inclusivos para o debate, considerando a complexidade e a

diversidade de perspectivas presentes nas diferentes áreas de conhecimento.

Para o ensino de História a BNCC, lançou as seguintes competências que devem ser estabelecidas para a modalidade do Ensino Fundamental:

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. 2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica. 3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito. 4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. 5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações. 6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica. 7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais. (BRASIL, 2017, p.402)

A BNCC apresenta competências abrangentes para o ensino de História no Ensino Fundamental, enfatizando a compreensão das estruturas sociais ao longo do tempo, a historicidade e a lógica cronológica. No entanto, a implementação efetiva dessas competências pode ser desafiadora, exigindo estratégias pedagógicas específicas para abordar aspectos como diversidade de perspectivas, desenvolvimento de habilidades críticas e o uso ético de tecnologias digitais. A ênfase na compreensão do movimento de populações e mercadorias, aliada ao respeito e solidariedade com diferentes populações, destaca a importância de abordagens inclusivas e sensíveis. A competência relacionada à produção historiográfica é fundamental, contribuindo para uma visão crítica do conhecimento histórico. No entanto, a implementação bem-sucedida dependerá do suporte contínuo aos educadores, recursos adequados e uma abordagem pedagógica reflexiva.

Apesar de termos nestas competências propostas de uma ideia de diversificação e pluralização para o ensino de História, percebe-se ao longo da leitura do documento que a BNCC produziu, uma ênfase maior ao estudo da História do Brasil, pois o próprio documento justifica essa predominância, da seguinte forma:

[...] em primeiro lugar, por oferecer um saber significativo para crianças, jovens e adultos, pois conhecer a história brasileira é conhecer a própria trajetória; em segundo lugar, o reconhecimento de que o saber histórico deve fomentar a curiosidade científica e a familiarização com outras formas de raciocínio, a partir do acesso a processos e problemas relacionados à constituição e conformação do Brasil, como país e como nação; em terceiro lugar, o

reconhecimento de que tal opção facilita acesso às fontes, aos documentos, aos monumentos e ao conhecimento historiográfico; por fim, a consideração de que a História do Brasil deve ser compreendida a partir de perspectivas locais, regionais, nacional e global e para a construção e para manutenção de uma sociedade democrática. (BRASIL, 2017, p. 244)

Nesta última parte percebe-se que há uma tentativa de vincular o contexto local, regional e nacional ao global, com a objetivação da construção de uma sociedade democrática, contudo nesta visão parece que a História do Mundo só existe para que a História Nacional possa surgir, ou seja, para que a História do Brasil possa existir, desta maneira, pensamos que precisamos avançar nesta discussão, pois esta construção de história de causa e efeito está ultrapassada.

Diante disso, deve-se pensar a história como experiência humana em diversas temporalidades e contextos, onde os seres humanos são diversificados em costumes e culturas, propondo diversas maneiras de enfrentar os desafios que lhes são impostos.

Apesar disso, com a experiência de professor do ensino básico na rede particular em Manaus, tem-se a compreensão que as próprias produções didáticas não obedecem a dinâmica proposta, onde privilegiam uma proposta linear, eurocêntrica e de um nacionalismo sem integração ou conexão com outras áreas do mundo.

A HISTÓRIA GLOBAL E A HISTÓRIA ENSINADA

Ao realizar uma crítica à proposta da BNCC e à abordagem predominante em muitos livros didáticos, notadamente na coleção "História.doc" (2019), percebe-se a persistência do eurocentrismo e do nacionalismo metodológico. Nesse contexto, é imperativo explorar como a perspectiva de História Global pode representar uma via promissora para transcender as limitações delineadas pela BNCC no Ensino Fundamental. Ao adotar uma visão mais ampla e interconectada, a História Global possibilita uma compreensão mais abrangente dos eventos e processos históricos, superando as barreiras geográficas e culturais que frequentemente limitam as narrativas tradicionais. Dessa forma, ao desafiar os paradigmas estabelecidos, a História Global emerge como uma alternativa valiosa para enriquecer o ensino de História, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e crítica em relação ao passado.

A História Global se revela como uma ferramenta valiosa no ensino de História no Ensino Fundamental II, oferecendo tanto aos alunos quanto aos professores a oportunidade de ampliar o escopo das discussões e compreensões das ações humanas ao longo do tempo. Essa abordagem enriquecedora se destaca ao explorar as intercambialidades, interconexões e relações contextuais e estruturais em escalas espaciais amplas e curtas, abrangendo uma variedade de espaços temporais. Ao adotar essa perspectiva mais aberta, a História Global proporciona uma compreensão mais abrangente e interligada das dinâmicas históricas, incentivando os alunos a explorarem as complexidades das relações humanas em diferentes contextos geográficos e temporais. Essa abordagem não

apenas enriquece a narrativa histórica, mas também estimula o pensamento crítico e a apreciação da diversidade de experiências ao longo da história. Neste sentido, destaca-se o seguinte:

[...] há um foco nos contatos e interações que marcam os trabalhos dessa corrente. A palavra-chave mais associada a essa linha é a “conexão”, porém a busca por redes e nexos globais não é suficiente para delimitar o que é História global. A Global History, além disso, explora espacialidades alternativas (parte de uma “spatial turn”), busca entender unidades históricas (civilização, nação, família, etc) sempre em relação a outras e é crítica, ou pelo menos auto-reflexiva, quanto à questão do eurocentrismo. No mais, os historiadores globais se distinguem pelo exame de transformações estruturais em larga escala e pela tentativa de rastrear cadeias causais a nível global. Essas são algumas mudanças heurísticas que marcam a passagem dos antigos modelos de História-mundo para a atual História Global. (ROUBLES, 2018, p. 236)

A citação destaca elementos fundamentais que caracterizam a abordagem da História Global, enfatizando a centralidade dos contatos e interações como um foco primordial. Embora a palavra-chave "conexão" seja associada a essa linha, a citação salienta a complexidade da História Global ao apontar que a busca por redes e nexos globais por si só não é suficiente para definir essa perspectiva. A História Global, conforme descrito, vai além ao explorar espacialidades alternativas através de um "spatial turn", desafiando as concepções tradicionais e buscando entender unidades históricas em constante relação umas com as outras.

A crítica ao eurocentrismo é uma característica marcante da História Global, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais equitativa e inclusiva. Ao se auto-refletir e ser crítica em relação a essas questões, a História Global demonstra um compromisso com a pluralidade de perspectivas e uma consciência da necessidade de superar vieses eurocêntricos.

A distinção entre a abordagem da História Global e os antigos modelos de História-mundo é enfatizada pela ênfase na análise de transformações estruturais em larga escala e na tentativa de rastrear cadeias causais em nível global. Essas mudanças heurísticas marcam uma evolução significativa na compreensão e interpretação do passado, evidenciando a complexidade e a interconexão das experiências humanas em escala global.

Nesse sentido, como educadores de História na Educação Básica, é crucial estarmos atentos aos conhecimentos propostos pela História Global para transcendermos as limitações dos nacionalismos e eurocentrismos. Ao incorporar esses elementos em nossas práticas pedagógicas, podemos conduzir aulas dinâmicas, inclusivas e plurais.

A História Global oferece uma abordagem que vai além do enfoque exclusivo no "eu", permitindo-nos explorar, compreender e apreciar as diversas perspectivas dos "outros" de maneira ampla e significativa. No contexto específico do livro "História.doc" para o sexto ano do Ensino Fundamental II, que abrange temas desde a Pré-História até a Expansão do Islamismo, podemos aproveitar a oportunidade para contextualizar esses conteúdos dentro de uma

narrativa global, destacando interconexões e influências entre diferentes civilizações.

Dessa forma, proporcionamos aos alunos uma visão mais abrangente e enriquecedora, contribuindo para uma compreensão mais complexa e contextualizada do desenvolvimento histórico.

Uma coisa que nos chama atenção é a ausência, por exemplo, de China, Índia e Japão no que diz respeito a formação histórica e civilizacional desses povos e culturas. Outra ausência que nos causa espanto é a não inserção e discussão mais ampla dos povos existentes na África, pois esta discussão só aparece quando o Islamismo faz sua expansão. Dessa forma, Alex Degan salienta:

Recomendamos aos professores que explorem essas tensões em suas aulas, aproveitando as confusões presentes nos documentos normativos (como a BNCC) e nos materiais didáticos. Geograficamente, o Reino Unido está mais ao leste do que o Marrocos e a Mauritània, países africanos relacionados com o islâmico Oriente Médio. Culturalmente, grupos de artistas, intelectuais e políticos do Japão, Israel e Rússia trabalham suas modernas identidades nacionais, discutindo formulações, disputas e impasses que flutuam entre o Oriente e o Ocidente. Historicamente, as regiões mais urbanizadas e cosmopolitas do Império Romano se localizavam na antiga província da Ásia, correspondente hoje ao litoral da Turquia, e não nos territórios longínquos e pouco conhecidos da Escandinávia e do norte da Alemanha. Em outras palavras, na Antiguidade os centros da 'boa vida urbana e civilizada' estavam fincados nos litorais do que hoje compreendemos como Oriente Médio, e não no coração da atual Europa do Norte. (DEGAN, 2021)

É, justamente, isso que pensamos sobre a como inserção da perspectiva de História Global pode nos fornecer uma ampliação do

nossa consciência histórica, pois seus estudos podem nos subsidiar entrar nestas discussões e apresentar uma diversidade maior de povos e culturas aos alunos, demonstrando que existem múltiplas experiências para além das nossas, verificando que muito do que conhecemos como vindo da Europa como campo civilizacional superior aos demais, também eram produzidos em outros locais. Jack Goody considera que dessa forma houve “O Roubo da História” (título de seu livro), pelos europeus, pois:

O ‘roubo da história’ do título refere-se à dominação da história pelo Ocidente. Isto é, o passado é conceituado e apresentado de acordo com o que aconteceu na escala provincial da Europa, frequentemente da Europa ocidental, e então imposto ao resto do mundo. Esse continente pretendeu ter inventado uma série de instituições-chave como ‘democracia’, ‘capitalismo’ mercantil, liberdade e individualismo. Entretanto, essas instituições são encontradas em muitas outras sociedades. Eu defendo que essa mesma pretensão se volta para emoções tais como o amor (ou o amor romântico) que é sempre visto como tendo aparecido apenas na Europa no século XII e sendo intrinsecamente constitutivo da modernização do Ocidente (na família urbana, por exemplo). (GOODY, 2008, p.8)

Assim, é imperativo transmitir aos nossos alunos a compreensão de que existem formas diversas de organização para além dos paradigmas ocidentais e do eurocentrismo. Nesse sentido, a pluralização do ensino de História se torna essencial, promovendo uma abordagem inclusiva e democrática que reconhece as experiências distintas de outros povos. Ao adotarmos uma perspectiva que vai além de nossa própria realidade, buscamos não

apenas analisar, contextualizar e compreender, mas também construir um entendimento mais significativo e abrangente das complexidades históricas. Essa abordagem enriquece não apenas a visão dos alunos sobre o passado, mas também os capacita a desenvolver uma apreciação mais profunda da diversidade global e a cultivar uma consciência crítica sobre as diferentes formas de organização social e cultural ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÕES

Ao longo destas páginas, evidenciamos que a perspectiva da História Global pode ser eficazmente aplicada no ensino de História no Ensino Fundamental II, promovendo a pluralização, inclusão e diversificação das discussões e compreensões dos processos históricos. Ao afastar-se de uma visão eurocêntrica e nacionalista, essa abordagem amplia a compreensão da formação social, econômica e cultural dos diversos grupos que compõem o nosso mundo.

Embora reconheçamos a impossibilidade de abarcar todos os grupos humanos em nossos estudos históricos, percebemos que ao ampliar nossa visão, somos capazes de compreender as diversas manifestações humanas em contexto global, enriquecendo nossa compreensão das complexidades culturais e sociais.

Acreditamos que a História Global desempenha um papel crucial ao contribuir para a formação de uma sociedade justa e equitativa, promovendo o diálogo entre diferentes grupos e

cultivando empatia e respeito entre os sujeitos históricos. Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento dos alunos, mas também instiga uma reflexão sobre a importância da diversidade na construção de sociedades mais inclusivas.

Por fim, mesmo diante das limitações impostas pela BNCC, reconhecemos que a História Global é uma ferramenta valiosa no ensino de História. Os professores, cientes dessas limitações, são desafiados a realizar um esforço intelectual e erudito para superá-las, tornando o ensino da disciplina mais plural e inclusivo.

Em suma, a História Global emerge como um instrumento essencial para uma abordagem mais aberta e reflexiva no ensino de História, desafiando paradigmas estabelecidos e promovendo uma compreensão mais rica e contextualizada do passado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: < basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- CALLIL, Gilberto. Uma História para para o conformismo e a exaltação patriótica: crítica a proposta de BNCC/História. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.39-46, jul.-dez.2015.
- CONRAD, Sebastian. **O que é a história global**. Lisboa: Edições 70, 2019.

DEGAN, Alex. A Grande Ásia e o Ensino de História. In: Jaime Pinsky; Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). **Novos Combates pela História: Desafios - Ensino**. São Paulo: Contexto, 2021. (p. 227-254)

FRANKOPAN, Peter. **O Coração do Mundo: Uma nova História Universal a partir da Rota da Seda**. São Paulo: Planeta, 2019.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010

GOODY, Jack. **O roubo da História: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente**. São Paulo: Contexto, 2008.

ROUBLES, Felipe. ESCREVENDO E PENSANDO A HISTÓRIA GLOBALMENTE. REVISTA CANTAREIRA - EDIÇÃO 28 / JAN-JUN, 2018.p. 236 Disponível em: file:///C:/Users/55929/Downloads/28005-Texto%20do%20Artigo-96630-1-10-20190204%20(3).pdf. Acessado em: 14/12/2021.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio dos; SOCHACZESWSKI, Monique. História Global: Um Empreendimento Intelectual em Curso. Revista Tempo. Vol. 23 n. 3. Set./Dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/5Qh7XtLX9H9Q4hxrVWMPmhG/?lang=pt&format=pdf> . Acessado: 31/12/2021.

VAINFAS, Ronaldo; [et al.]. **História.doc: 6º ano . 3ª.ed.** - São Paulo : Saraiva, 2019.